Journal of **Tourism** & Development | n.º **41** | 2023 | [**365** - 390]
DOI: 10.34624/rtd.v44i0.31251
e-ISSN 2182-1453

Percurso pelos **cemitérios** do Porto: Apontamentos para uma leitura da cidade

Journey through the **cemeteries** of Porto: Notes for a reading of the city

ALINE SILVA SANTOS * [paisageira@gmail.com]

TERESA PORTELA MARQUES ** [teresamarques@fc.up.pt]

Resumo | Equipamentos fundamentais para os agrupamentos urbanos, os cemitérios comportam espaços que, além das funções de disposição e homenagem aos mortos, permitem uma apreensão de dados históricos, culturais e artísticos do contexto nos quais estão inseridos. Assim, pode-se dizer que é possível ler uma cidade sob a ótica de seus cemitérios. Deste modo, são espaços passíveis de atividade turística, e o turismo cemiterial é uma prática já consolidada em diversos países, a qual vem se desenvolvendo também em Portugal. O Porto, que possui o turismo como uma atividade relevante para seu movimento econômico, é a única cidade portuguesa que possui cemitérios que constam na Europeans Cemeteries Route. Tal status é explorado principalmente no que se refere às figuras históricas que lá estão inumadas e ao material artístico-arquitetônico, com valor estético-histórico, composto sobretudo por seus jazigos, mausoléus e estatuária. Dado que o Porto possui 12 cemitérios, e que há outros aspetos que também podem ser significativos nestes locais, o presente artigo se propõe, a partir de um percurso pelos seus cemitérios, apresentar elementos que os constituem e tecer uma reflexão de como estes locais podem oferecer uma leitura de onde se inserem, em um diálogo entre cemitério e cidade. Para tanto, foram utilizados como método uma revisão sistemática da literatura aliada ao trabalho de campo por meio de caminhadas etnográficas.

Palavras-chave | Porto, turismo cemiterial, cemitério, cidades

Abstract | Cemeteries, which are essential facilities for urban areas, contain spaces that serve not only to display and honor the dead, but also to provide historical, cultural, and artistic information about the context in which they are located. Therefore, it can be said that a city can be interpreted through the perspective of its cemeteries. These spaces are suitable for tourist activities, and cemetery tourism is a practice that is already well-established in several countries, including Portugal. Porto, which relies

* **Mestre** em Arquitectura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - USP (Brasil). **Professora** do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de São Paulo (Brasil).
** **Doutora em Arquitectura Paisagista** pela Universidade Técnica de Lisboa. **Professora Auxiliar** do Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto - FCUP.

heavily on tourism as a significant economic driver, is the only city in Portugal whose cemeteries are included on the "European Cemeteries Route. This status is mainly explored with regards to the historical figures buried there and the artistic-architectural material, which has aesthetic-historical value, mainly composed of its tombs, chapel, and statues. Since Porto has 12 cemeteries and there are other significant aspects to these locations, this article aims to present its constituent elements and reflections on how they can provide insight into their context through a tour of the city's cemeteries, fostering a dialogue between the cemetery and the city. To accomplish this, we combined a systematic literature review with fieldwork, including ethnographic walks.

Keywords | Porto, cemetery tourism, cemetery, cities

1. Introdução

Equipamentos relevantes para o meio urbano, os cemitérios prestam-se para diversas finalidades além das sanitárias. De acordo com Catroga (1999), o espaço cemiterial é passível de expressar esteticamente o inconsciente da sociedade por meio dos seus símbolos, os quais se organizam e estruturam em torno de certos temas ou mitos comuns a esta. Como locais que possibilitam visita e homenagem aos falecidos, revelam o humano como "produtor de cultura e memória" (Catroga, 1999 p. 19).

Estudiosos de diversas áreas, como antropologia, arquitetura, artes, geografia e história, apontam que os espaços cemiteriais podem reproduzir e expressar dinâmicas sociais dos locais onde estão inseridos (Catroga, 1999; Rezende, 2000; Cymbalista, 2002; Motta, 2009; Almeida, 2016; entre outros). Assim, não é incomum encontrar, em seus territórios, zonamentos que configuram setores mais ou menos nobres, além de diferenciações entre construções tumulares. Esta lógica pôde ser vista desde os primeiros arranjos modernos de cemitérios, tanto de Portugal, como de países como o Brasil (Cymbalista, 2002; Motta, 2009), e manteve-se de certa maneira ao longo dos tempos, mesmo em tipologias cemiteriais que se propõem mais igualitárias (Santos, 2015; Fuchs, 2019). Deste modo, são locais que dialogam com a cidade, ao articular-se com o contexto em que se inserem, na inter-relação com a história e a cultura de onde estão implantados.

Ademais, observa-se que estes espaços encerram múltiplos potenciais de apropriação. Deste modo, além das funções ligadas estritamente às questões fúnebres, também podem abranger outras dimensões como as educativas (Rezende, 2000; Almeida, 2016; Grassi, 2018), ambientais (Santos, 2013) e do lazer (Rezende, 2000, Santos, 2015, Fuchs, 2019). Por conseguinte, são espaços que apresentam potencial turístico e, neste sentido, Queiroz (2007) aponta que tal potencial não está apenas ensimesmado dentro do terreno cemiterial, mas se expande para o tecido urbano onde se insere.

Os cemitérios portugueses oitocentistas, também denominados de românticos[1] por alguns pesquisadores (Catroga, 1999; Queiroz, 2002), constituem-se, ainda no século XXI, como *locus* de turismo devido, sobretudo, a suas construções tumulares e personagens que se encontram ali sepultados. Constituídos nos primórdios dos cemitérios modernos, no século XIX, em que há a separação dos mortos das edificações religiosas, diversas figuras consideradas relevantes para a sociedade vigente foram enterradas nestes espaços, cujos túmulos muitas vezes eram constituídos por

[1]Esta denominação se dá pelo fato desses cemitérios expressarem forte ideário romântico, seja no seu caráter formal-espacial e ornamental, seja pelas atitudes dos visitantes.

jazigos-capela vultosos ou possuíam estatuária de valor artístico. Assim, diante da proibição do enterro dentro das igrejas, as famílias mais abastadas construíam pequenas capelas tumulares dentro dos cemitérios.

Estes cemitérios oitocentistas, agora já abraçados pelo urbano, passaram a desempenhar novos papéis nos anos mais recentes. Nas décadas de 1960 e 1970, historiadores dos costumes, como Philippe Ariès (1977) e Michel Vovelle (1983), apontam uma mudança nos comportamentos no mundo Ocidental que direcionam o humano para uma relação de tabu com a temática da morte, aspeto este posteriormente reforçado por pesquisadores que veem um aumento progressivo deste comportamento (Bauman, 1999; Rodrigues, 2006). Isto teria um reflexo na apreensão e visitação dos cemitérios, bem como nos rituais nestes locais. Assim, é comum o relato de visitantes, e até mesmo de funcionários, de que as visitações já não são mais as mesmas de outrora e fazem-se em menor número. Ademais, outros fatores também podem ser acrescentados para esta diminuição (Walter, 2012), como migrações entre cidades ou até mesmo países – tendo em vista a escala e mobilidade de União Européia (UE)[2] – ou então pela ascensão da cremação que, mesmo em países onde não é expressiva, vem aumentando, como é o caso de Portugal[3].

Concomitantemente a este movimento, foram empreendidos esforços que procuraram mostrar, justamente, a multiplicidade e relevância dos espaços cemiteriais em diversos campos, além de estudos como aqui já apontados. Na Europa, em 2001, foi fundada a *Association of Significant Cemeteries in Europe*[4] (ASCE), organização sem fins lucrativos que objetiva a promoção dos cemitérios considerados de importância histórica e artística. Constituída por organizações tanto privadas como públicas, esta é a maior associação do tipo no continente, e em 2021 já contava com 23 países membros, com mais de 150 necrópoles classificadas. Já na América Latina, em 2000 foi fundada a *Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales*, e mais especificamente no Brasil, em 2004, foi fundada a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Estas instituições procuram fomentar a valorização dos espaços cemiteriais, apoiar e divulgar pesquisas relativas ao tema.

Todos estes dados permitem afirmar que os cemitérios, em sua complexidade, oferecem diferentes possibilidades de apreensão e apresentam elementos que proporcionam uma leitura do contexto em que se inserem, para lá de seus muros. Diante disto, para o presente artigo, propôs-se um exercício experimental, de percurso pelas necrópoles de uma cidade portuguesa, onde se procurou atentar para fragmentos e evidências que pudessem revelar a própria urbe em que estão inseridos. Percurso este que, em seus elementos, pretende apresentar perspectivas de leitura da cidade a partir dos seus cemitérios. Deste modo, espera-se contribuir no sentido de identificar potenciais valores que estes locais compreendem, os quais também podem ser abraçados pela prática do turismo.

Para tanto, elegeu-se o Porto, segunda maior cidade de Portugal e que possui os únicos dois cemitérios do país enquadrados como 'monumentais' pela ASCE. Ademais, procurou-se não se ater somente a estes cemitérios, mas caminhar por todas as 12 necrópoles da cidade, o que permitiu observar semelhanças e dissonâncias entre os mesmos e observar aspetos para além dos que já vêm sendo enquadrados como de interesse para a visitação turística.

[2]Segundo Pires, Vidigal, Pereira, Azevedo, e Veiga (2022), em termos acumulados, Portugal é "o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da população residente (considerando apenas os países com mais de um milhão de habitantes)" (p. 22).

[3]Apesar de diversos cemitérios apresentarem a possibilidade de local para a disposição de cinzas, a prática da cremação permite que estas sejam esparzidas em outros locais, conforme o desejo dos entes queridos. Assim, em alguns casos, pode ser um fator contribuinte para a diminuição de visita a cemitérios

[4]Associação dos Cemitérios Significativos da Europa, em tradução livre.

2. Metodologia

Como metodologia utilizaram-se a revisão bibliográfica e a caminhada etnográfica. Assim, foi realizado um mapeamento dos cemitérios do Porto e pesquisado um primeiro referencial teórico sobre estes locais. A seguir, realizaram-se as caminhadas e, de acordo com os pontos observados e curiosidades despertadas pelas visitas, foram aprofundadas e direcionadas as pesquisas bibliográficas em fontes primárias e secundárias, como livros, dissertações, teses e publicações periódicas.

No tocante à caminhada etnográfica, seguiu-se o recomendado pelo antropólogo José Guilherme Magnani e que consiste em uma caminhada atenta, em que se procura guiar a observação por meio da grade de cenário-atores-regras (Magnani et al., 2023). Deste modo,

> é elaborado um mapeamento prévio do local e trajetos que serão realizados – nunca deixando de se considerar que ambos podem ser alterados dependendo dos acontecimentos imprevistos ocorridos em campo. Na caminhada, o olhar, em geral, está muito atento ao cenário, à paisagem, e à relação dos diferentes atores com aquele ambiente (Magnani et al., 2023 p. 212).

Segundo Magnani (1996), a etnografia seria um "modo de acercamento e apreensão", e nesta perspectiva

> não é uma mera descrição, coleta de dados brutos a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação e, se não se propõe algum, o que vai presidir e orientar esse primeiro olhar é o do senso comum. Que é o que, precisamente, se pretende evitar. (p. 17)

Assim, buscou-se o olhar próximo ao do antropólogo na prática etnográfica, estabelecendo caminhadas atentas em que se procurou deixar "impregnar pelos estímulos sensoriais", observando os atores sociais, procurando entender suas práticas no espaço (Magnani, 1996). Neste sentido, buscou-se o que o antropólogo Clifford Geertz (2008) define como "descrição densa", que será não apenas observar e escrever, mas interpretar o que se está observando. Realizaram-se, assim, anotações e ilustrações em caderno de campo, somados a registros fotográficos. A partir deste material, foram redigidos relatos utilizados na pesquisa para cruzamento da prática com a teoria.

Sublinha-se, ainda, que a etnografia utiliza como ferramenta a observação participante, de modo que, nestas caminhadas, se coletaram relatos de visitantes dos cemitérios, bem como de seus trabalhadores. Contudo, por ser um trabalho com viés exploratório, não foram utilizadas entrevistas.

3. A cidade do Porto e o turismo

A cidade do Porto localiza-se a norte de Portugal, e constitui-se na segunda maior do país, com uma área de aproximadamente 41,42 km^2 e população estimada de 231.800 habitantes, de acordo com o censo de 2021 do Instituto Nacional de Estatística (INE)[5]. Divide-se administrativamente em sete freguesias[6]: Bonfim; Campanhã; Paranhos; Ramalde; União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde; União das freguesias de Cedofeita, Santo Idelfonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e

[5]Dados obtidos no site do INE (https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011609).
[6]Como se observa, três destas freguesias consistem em "Uniões" de várias freguesias. Esta junção aconteceu devido a reforma administrativa ocorrida em 2013.

Vitória; União das freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos.

Segundo Martins e Cadima (2021), em pesquisa realizada em 2019, antes da pandemia da COVID-19, o turismo seria um dos principais responsáveis pela dinâmica econômica recente da cidade. E é patente como a municipalidade vêm investindo neste aspeto: em 2022 foi eleita como o melhor destino de cidade da Europa e do mundo pela *World Travel Awards* (WTA)[7], além de ficar entre as sete cidades pré-selecionadas pela Comissão Europeia para concorrer ao prémio de Capital Europeia de Turismo Inteligente em 2023 (Neves, 2022b). No mais, a revista Forbes listou a cidade como um dos 50 principais destinos para o ano de 2023 (Lupini & Adams, 2023). Esse movimento direcionado ao turismo pode ser observado ao longo da década de 2010, visto que a cidade Porto ganhou o título de melhor destino europeu no *European Best Destination* em 2012, 2014 e 2017, por exemplo.

Ademais, acrescenta-se que a atividade turística pode ter diferentes vertentes e faz parte de seu debate atual desenvolver planos que mitiguem seus impactos negativos, os quais muitas vezes são consequência do chamado turismo de massa. Assim, faz-se desejável a elaboração de estratégias que visem o bem-estar e lazer não só dos turistas, mas também dos moradores das cidades (Körössy, 2008).

3.1. Turismo Cemiterial

Dentre os espaços livres urbanos com potencial turístico, os cemitérios são locais a serem considerados. No contexto europeu, o Père-Lachaise, em Paris, é um exemplo emblemático, constituindo-se no cemitério mais visitado da França, com uma média de 3,5 milhões de visitantes ao ano (Mairie Paris, 2022).

Há autores (Marques, 2018; Figueiredo, 2015) que enquadram a visita a cemitérios no *"dark tourism"* ou "turismo sombrio", na tradução para o português[8] que, de maneira geral, é apresentado por Stone (2006) como o "ato de viajar para locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro", o que incluiria também a visita a locais onde poderiam ter ocorrido tragédias ou mortes historicamente notáveis e que continuam a impactar a vida das pessoas. Tal perspectiva, no entanto, pode ter um viés que não abranja todo o potencial do espaço cemiterial, limitando-o somente a um aspeto.

Abranja, Alcântara, Marques e Ferreira (2012), preferem desvincular o 'turismo cemiterial' desta denominação, considerando-o uma vertente do 'turismo cultural' e definindo-o como a "deslocação das pessoas para apreciar a beleza do local" (p. 1287). No mais, para além de um local para apreciação estética, seja por meio de obras escultóricas, arquitetônicas ou até mesmo paisagísticas, ainda se considera que guardam um potencial educativo por constituírem locais que despertam o aprendizado para temáticas históricas, culturais e artísticas (Almeida, 2016; Grassi, 2018).

Assim, pode-se dizer que o espaço cemiterial possui uma complexidade que engloba diferentes potencialidades de fruição e uso que não se anulam necessariamente e podem complementar-se. Isto, no entanto, não o dissocia do seu caráter primordial, que deve ser levado em consideração quando do planejamento de ações turísticas neste tipo de local: sobretudo se ainda em funcionamento, as atividades devem considerar os visitantes em luto e a ocorrência de funerais, por exemplo. E, mesmo quando é observado o caráter museológico, não se deve dissociar as obras que porventura sejam

[7]Site: https://www.worldtravelawards.com/award-worlds-leading-city-destination-2022

[8]Encontrou-se, em trabalhos acadêmicos, como tradução em português para o termo "dark tourism" os termos "turismo negro" (Marques, 2018; Coutinho & Baptista, 2014; Pegas, 2013) e "turismo sombrio" (Figueiredo, 2015). Neste trabalho preferir-se-á utilizar o termo "turismo sombrio" para que não haja interpretação errônea no uso do termo em relação a questões étnico-raciais que pode surtir no uso do termo "negro".

artísticas ou arquitetônicas de seu solo fúnebre, pois, como afirma Catroga (1999), "os objectos cemiteriais não são psicologicamente dissociáveis da estrutura em que se integram e do horizonte de crença e de sentimentos com que são lidos" (p. 21). Assim, quando é utilizado o termo "museu a céu aberto" para um cemitério, como alguns estudiosos costumam referir, é prudente que seja feito na chave de leitura do museu não como instituição repositória de objetos, mas como "lugar de memória", a valorizar diferentes expressões socioculturais (Borges, 2016).

3.2. Turismo Cemiterial no Porto

Pode-se dizer que no Porto há indícios de interesse no que diz respeito ao turismo cemiterial, o que se observa por publicações e também iniciativas de atividades promovidas pela municipalidade. Em 2000, por exemplo, a Câmara Municipal do Porto lançou uma publicação sobre os cemitérios do Porto com caráter de guia, com textos e fotografias de autoria do pesquisador Francisco Queiroz (2000a), em que são apresentados e descritos os cemitérios do Prado do Repouso, Agramonte, Lapa e Britânico, além das Catacumbas de S. Francisco.

Além disto, entre 2003 e 2019, a Câmara Municipal do Porto realizou anualmente o Ciclo Cultural dos Cemitérios do Porto, com atividades em diferentes necrópoles da cidade, conduzidas por profissionais de áreas distintas, com enfoques que vão desde a história até a música e o teatro (Pegas, 2013). Este evento foi suspenso após 2019, devido a pandemia da COVID-19.

No site oficial de turismo do Porto, o Vist Porto[9], há informações referentes à maioria dos cemitérios da cidade, a saber: Prado do Repouso, Agramonte, Aldoar, Foz do Douro, Ramalde, Lordelo do Ouro, Lapa, Paranhos, Campanhã, Bonfim, Britânico. Para cada um destes, há um pequeno descritivo, localização e horário de funcionamento, sendo que nas seções dos cemitérios de Prado do Repouso, Agramonte, Lapa e Britânico constam também imagens fotográficas.

Mais recentemente, em outubro de 2022, a Câmara Municipal lançou em seu canal do YouTube um vídeo inteiramente dedicado aos cemitérios do Porto, intitulado "Turismo Porto – Cemitérios"[10]. Nele, são mostradas imagens dos cemitérios de Agramonte, Bonfim, Lapa, Prado do Repouso, Saint James Cemetery (Britânico), além das catacumbas da Igreja de S. Francisco[11] e o túmulo de João Gordo na Catedral da Sé. Segundo notícia veiculada pelo ente público em sua página na internet, o vídeo mostra o "valor patrimonial dos cemitérios do Porto" e integra uma série de 22 vídeos produzidos que procuram divulgar, promover e valorizar a cidade tanto em nível nacional como internacional, "apresentando um Porto cativante nas suas diversas dimensões: cultura, arquitetura, património, gastronomia, artesanato, arte urbana, desporto, feiras e mercados ou hospitalidade" (Neves, 2022a para.3).

Existem ainda iniciativas própria de alguns cemitérios privativos como o da Lapa, cuja entidade administrativa promove desde 2016 ciclos de visitas anuais, entre os meses de maio e setembro, que conta com a condução de arquitetos, historiadores e estudiosos da área cemiterial, a exemplo do já referido Francisco Queiroz.

Por fim, é relevante frisar que o Agramonte e o Prado do Repouso são reconhecidos desde 2005 como cemitérios monumentais pela *Association of Significant Cemeteries in Europe*[12] (ASCE), orga-

[9] Site: https://visitporto.travel/
[10] Site: https://youtu.be/VJ36fk-71GQ
[11] O Cemitério Catacumbal da Ordem Terceira de São Francisco, pode ser acessado somente via compra de bilhete para visitação. Como este cemitério não é de livre visitação, situa-se junto a uma igreja e não se encontra em pleno funcionamento para enterramentos, não foi incluído nos percursos do presente artigo.
[12] Associação dos Cemitérios Significativos da Europa, em tradução livre.

nização sem fins lucrativos fundada em 2001. Esta é a maior associação do tipo na Europa, sendo constituída por organizações tanto privadas como públicas, que já classificaram mais de 150 necrópoles em 22 países europeus. Além disto, são os únicos cemitérios portugueses que constam na *European Cemeteries Route*[13], criada pela referida Associação.

Para além dos cemitérios listados como de relevância, o que guardariam as outras necrópoles do Porto? Como pode ser entendida a sua leitura a partir do local em que se inserem? É o que será brevemente relatado a partir de um percurso realizado por estes 12 cemitérios portuenses.

4. Os cemitérios do Porto: um breve panorama

De acordo com o Relatório Ambiental do Plano Diretor Municipal do Porto (Porto, 2020), a cidade possui 12 cemitérios em atividade (Figura 1). Dentre estes, 9 são de cunho público e 3 são privados. Além disto, há 3 crematórios, sendo 2 públicos (Prado do Repouso e Paranhos) e 1 privado (Lapa). Ressalta-se que, no referido documento, os cemitérios são considerados domínio de intervenção religiosa, juntamente com as igrejas da cidade.

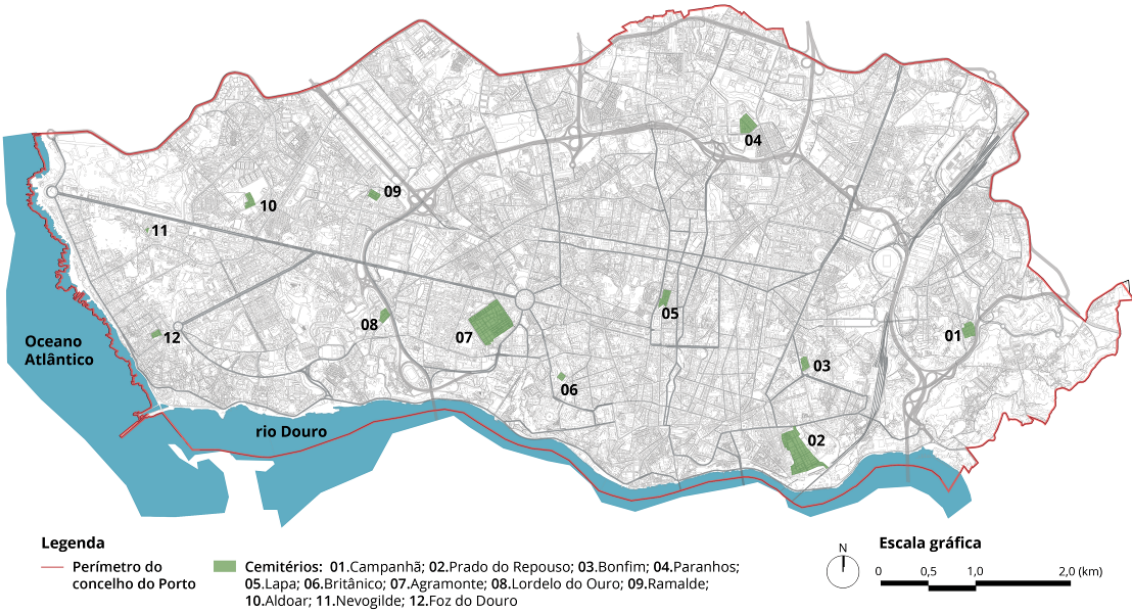


Figura 1 | Mapa do Porto com os seus cemitérios
Fonte: Elaboração própria

Quando públicos, a gestão destes espaços cemiteriais fica a encargo das juntas das freguesias, à exceção dos cemitérios do Prado do Repouso e do Agramonte, os quais são de responsabilidade do concelho, por meio do Departamento Municipal de Planeamento e Gestão Ambiental (DMPGA) em conjunto com a Divisão Municipal de Saúde Pública e Bem-Estar Animal (DMSPBEA).

[13] Rota Europeia de Cemitérios, em tradução livre

Quadro 1 | Cemitérios do Porto

Nome	Caráter	Data abertura[1]	Freguesia	Administração
Prado do Repouso	Público	1839	Bonfim	Concelho do Porto: Departamento Municipal de Planeamento e Gestão Ambiental (DMPGA), conjuntamente com a Divisão Municipal de Saúde Pública e Bem-Estar Animal (DMSPBEA)
Agramonte	Público	1855	União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	Concelho do Porto: Departamento Municipal de Planeamento e Gestão Ambiental (DMPGA), conjuntamente com a Divisão Municipal de Saúde Pública e Bem-Estar Animal (DMSPBEA)
Lordelo do Ouro	Público	1872	União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	Junta da freguesia onde se situa
Paranhos	Público	1872	Paranhos	Junta da freguesia onde se situa
Ramalde	Público	1862	Ramalde	Junta da freguesia onde se situa
Aldoar	Público	1924 / 1997 (ampliação)	União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	Junta da freguesia onde se situa
Nevogilde	Público	1840 / 1895 (primeiro enterramento)	União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	Junta da freguesia onde se situa
Foz do Douro	Público	1887	União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	Junta da freguesia onde se situa
Campanhã	Público	1867	Campanhã	Junta da freguesia onde se situa
Lapa	Privado	1838	União das freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa
Cemitério Britânico	Privado	1788	União das freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos	Igreja de St. James
Cemitério da Irmandade do Santo do Bonfim	Privado	1849/50	Bonfim	Irmandade do SS Sacramento do Senhor do Bonfim e da Boa Morte

[1] As datas de abertura dos cemitérios foram obtidas a partir de Fernandes (1997), Catroga (1999), Queiroz (2002), Queiroz (2006) e Almeida (2007).

O quadro 1 apresenta os cemitérios situados na cidade do Porto, em funcionamento, com informações relativas ao seu caráter, data de abertura e administração. Como pode ser observado, a maioria origina-se no século XIX. As exceções são os cemitérios Britânico – datado do século XVIII – e o cemitério de Aldoar, mais recente, dos primórdios do XX.

A implantação destas necrópoles no século XIX, relaciona-se a um movimento que ganha força na Europa neste período, em que são conformados cemitérios públicos desvinculados dos edifícios religiosos, fruto do debate relacionado à saúde pública e reformas urbanas afins (Ariès, 1977). Neste contexto serão inaugurados cemitérios emblemáticos como o Père-Lachaise em Paris, em 1804, e o cemitério monumental de Staglieno em Gênova, em 1851. Nesta conjuntura, no ano de 1835 em Portugal, foram estabelecidos decretos nos quais os cemitérios foram designados como espaços públicos, seja de gestão municipal ou paroquial (Catroga, 1999).

É também no século XIX que a cidade do Porto passa por um processo de urbanização de suas áreas rurais, com loteamento de antigas quintas, de modo que uma delas seria utilizada para o primeiro cemitério público da cidade, o Prado do Repouso, aberto em 1839, situado nas terras da Quinta do Prado do Bispo. O terreno teria sido escolhido pela sua extensão, localização afastada

da aglomeração urbana à época e pelas boas condições de circulação de ar devido sua altitude (Fernandes, 1997).

Anterior a este, há o cemitério da Lapa que, por sua vez, tem caráter privativo. Ligado à Irmandade Nossa Senhora da Lapa, de acordo com Queiroz (2000b) é o mais antigo cemitério romântico de Portugal voltado à elite na época. Sua abertura foi autorizada por uma portaria publicada no ano de 1833, sendo assim o primeiro a seguir o decreto nacional de 21 de setembro de 1935 acerca dos cemitérios no país (Aguiar, 1927). Apesar de ser considerado um cemitério romântico (Queiroz, 2000), não possui atualmente o caráter predominantemente ajardinado, típico destas necrópoles. Oliveira (2007) aponta que em carta de 1844 havia uma arborização no arruamento central que hoje não mais existe e, segundo Aguiar (1927), houve intento de um projeto de ajardinamento do cemitério por um "jardineiro-paisagista" que, entretanto, não foi executado.

Mais antigo, no entanto, é o cemitério Britânico que pode ser considerado o primeiro cemitério do Porto implantado exteriormente a uma edificação religiosa. Datado de 1788, foi aberto como fruto de esforços dos britânicos que majoritariamente eram protestantes e não podiam ser inumados nas igrejas católicas. De caráter privado, pertence à Igreja Anglicana de Saint James, cuja capela foi construída no mesmo terreno, no século XIX, período no qual se permitiu oficialmente a realização de cultos desta religião em Portugal (Queiroz, 2006). É ladeado por muros elevados devido a uma solicitação da municipalidade à época de sua implantação, pois era condição que não se observasse um local de enterramento de acatólicos (Queiroz, 2006). Sua configuração formal é diferente dos cemitérios oitocentistas de raiz católica e segue organização influenciada pelos *churchyards* britânicos, com domínio do elemento natural, sobretudo vegetal em comparação às construções tumulares, que eram mais simples (Queiroz, 2002).

Já a abertura do cemitério de Agramonte, segundo maior e mais antigo cemitério público da cidade, foi reflexo da epidemia de cólera (*Cholera-morbus*) que assolou Portugal em 1855 (Almeida, 2007). Enquanto o Prado do Repouso se situa a leste, o Agramonte foi implantado a oeste, no local da outrora Quinta do Agra Monte, desapropriada para a finalidade cemiterial, e com implantação desenhada pelo engenheiro Adolfo Gonçalves e Souza. Estes dois cemitérios seriam primeiramente chamados de Oriental e Ocidental, respectivamente, mas a nomenclatura que permaneceu no tempo é a que se relaciona às antigas quintas onde se situaram.

O arruamento de ambos é reticular, o que será observado também em todos os outros cemitérios do Porto, em diferentes escalas. Esta organização espacial facilita o deslocamento pelos locais, que são extensos, e do qual o Prado do Repouso é o maior. Há uma profusão de diferentes jazigos e as capelas, sendo que os exemplares mais elaborados se situam nas extremidades das quadras, enquanto que túmulos mais simples, alguns apenas cobertos por terra ou grama, localizam-se no interior das mesmas.

Os cemitérios do Prado do Repouso e do Agramonte continuam a ser os maiores da cidade e, como já visto anteriormente, os exemplares públicos que detêm maior atenção quanto a atividades e ações voltadas ao turismo. Atualmente, estes possuem um guia contendo informações gerais (Figura 2), que pode ser solicitado à entrada destes cemitérios, mapa com localização de túmulos de personalidades relevantes e placas de sinalização. E, em frente aos jazigos de pessoas consideradas "notáveis", há placas informativas com dados relevantes sobre suas vidas.

Já os cemitérios menores, de atribuição administrativa das freguesias, foram abertos ao longo dos tempos em locais próximos a igrejas, estratégia utilizada para terem maior aceitação da população. Assim, diversos cemitérios outrora paroquiais, de caráter privado, hoje são administrados pelas freguesias onde estão implantados (Queiroz, 2002).

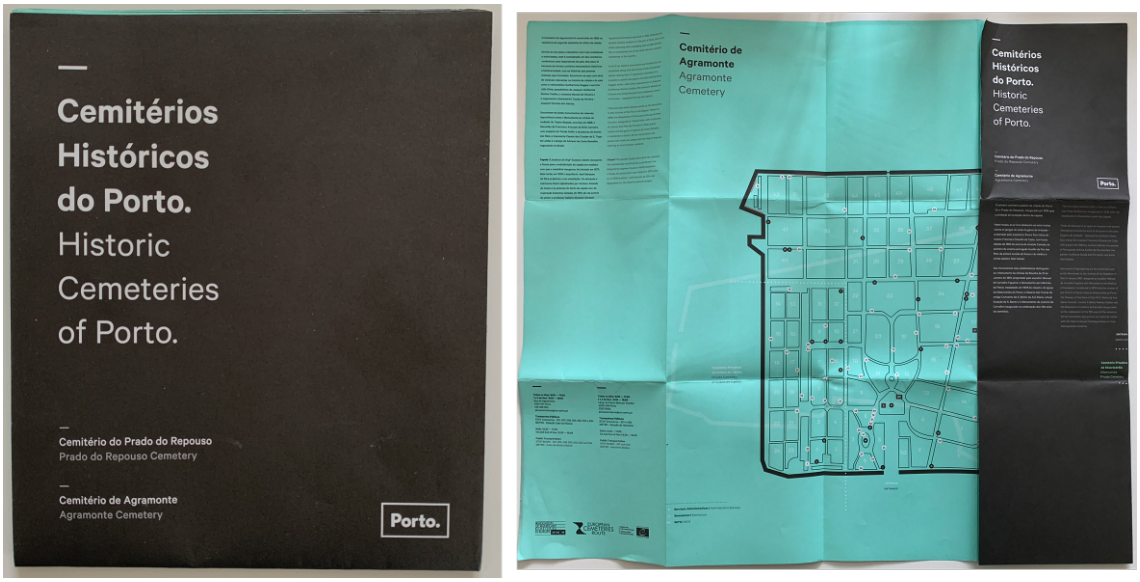


Figura 2 | Fotografia do Guia dos Cemitérios Históricos do Porto (dobrado e aberto). É um encarte dobrável que contem informações e mapas dos cemitérios Agramonte ou do Prado do Repouso. Podem ser solicitados gratuitamente nos respectivos cemitérios.
Fonte: Santos, 2023

Pode-se dizer que, ao longo do seu desenvolvimento, os cemitérios revelam características urbanas, sendo imagens das cidades onde se situam. Segundo Catroga (1999), os cemitérios em países europeus latinos, ao invés de apresentarem a "inicialmente idealizada Arcádia para os mortos", passaram a elevar "réplicas de cidades, ordenadas segundo as regras da disciplina geométrica" (p. 91). A diferenciação na conformação tumular, nas campas e jazigos, bem como as localizações dentro do terreno, revelam distinções socioeconômicas, as quais também são comuns nas cidades.

Neste sentido, notou-se, a partir de visita de campo e da análise cartográfica, que, no aspeto formal, todos os cemitérios portuenses possuem arruamentos ortogonais e, geralmente, apresentam um trajeto principal, a partir do portão de entrada, que leva a uma capela ou outra obra relevante, como uma cruz ou um outro monumento. Em alguns casos, este percurso atravessa todo o cemitério e o monumento ou capela localiza-se a meio caminho. Estas características são apontadas por Catroga (1999) como comuns nos cemitérios portugueses.

5. Uma proposta de percurso

A partir do apresentado anteriormente, foi delineado um percurso pelos 12 cemitérios do Porto. Assim, serão apresentados, em caráter de pequenos relatos, impressões com elementos passíveis de despertar a atenção do visitante, observados dentre estas necrópoles. Sublinha-se que não se pretendeu uma descrição pormenorizada dos espaços e, em alguns casos, preferiu-se destacar pequenas observações ao invés de dados já exaustivamente apresentados por outros autores. A abordagem relativa às obras de arte com valor estético e histórico, por exemplo, não foi empreendida e, para tanto, recomenda-se a leitura dos trabalhos de Queiroz (2002) e Almeida (2006).

Seria impossível esgotar as observações ou factos que podem ser considerados relevantes sobre estes 12 cemitérios em um único artigo. Assim sendo, foram selecionados alguns tópicos dentre os muitos registados, em uma proposta de incentivo à ida a estes espaços cemiteriais e seu desvelamento. Espera-se, com essas reflexões, apresentar apontamentos que possam ser explorados futuramente em trabalhos com temáticas que promovam um

diálogo entre cemitério e cidade e que também sejam passíveis de serem abordados turisticamente.

Assim, procuraram-se destacar alguns itens que relacionem os espaços cemiteriais com aspetos da cidade, tendo-se selecionado os seguintes: circuitos sagrados; biodiversidade e arquitectura paisagista; e relação com a paisagem.

Buscou-se uma narrativa textual e imagética, onde as imagens fotográficas procuram, também, complementar a narrativa desejada. Além disso, os registros fotográficos procuraram ser realizados com a máxima discrição e respeito, sem constranger ou identificar visitantes do local. Quanto aos túmulos fotografados, evitaram-se imagens identificadoras dos seus defuntos. Os cemitérios foram acessados via transporte público e os percursos realizados no período da tarde, em diferentes dias da semana, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023.

Ademais, e previamente à apresentação dos relatos, é feito um preâmbulo com observações gerais sobre as ações observadas nas visitas de homenagem aos falecidos e nos cuidados tumulares, por se julgar serem relevantes para se obter um panorama das atitudes perante a morte e os mortos, na conjuntura contemporânea à realização da pesquisa.

5.1. Preâmbulo: a cultura cemiterial no Porto

Apesar da indicação, já citada neste artigo, de um movimento em direção à diminuição da visita aos cemitérios para homenagear os mortos, ao se percorrer os 12 cemitérios do Porto em 2022 notou-se que esta prática ainda resiste, mostrando certa manutenção da tradição romântica de visita cemiterial.

A presença de pessoas a lavar campas, depositar flores e, sobretudo, acender velas é significativo. Ainda nos túmulos mais simples, cobertos somente pelo solo nu e demarcados por pequenas cruzes, foram encontradas flores e velas colocadas sobre a terra. Além disto, os ossários também continham homenagens e até mesmo pequenos brinquedos foram encontrados, sobretudo nas campas infantis. Inclusive nos menores cemitérios, com fluxo mais reduzido de pessoas, foram observados estes comportamentos.

Seja nos cemitérios privados ou particulares, vassouras e baldes são deixados à disposição dos visitantes, além de existirem torneiras instaladas para que se possa fazer a lavagem das campas e jazigos. E, apesar do perfil predominante dos cuidadores ser de idosos, tendo alguns relatado notar-se um esvaziamento da visitação cemiterial ao longo dos anos, observaram-se, em alguns momentos, filhos acompanhando pais ou avós e até mesmo adolescentes e crianças, verificando-se a transmissão desta tradição entre gerações.

A colocação de velas se mostrou expressiva. Estas foram encontradas em diversas formas e materiais, desde as contidas em recipiente de vidro até às mais simples, de plástico. Um elemento essencial é a tampa para evitar que se apaguem as chamas acesas. Tal costume, segundo relato de visitantes abordados, liga-se à prática católica que visa iluminar as almas no além. É uma atitude também ligada à tradição, aprendida muitas vezes com pais e avós, sendo que houve pessoas que relataram a relevância de mantê-la como forma de homenagear e lembrar do falecido. Ao se considerar o uso significativo das velas, nota-se que fomentam um comércio para aproveitamento da cera. Assim, encontram-se, nas necrópoles, recipientes exclusivos para descarte, cujo material é recolhido por profissionais ou instituições que fazem a reciclagem da cera.

Além disto, percebeu-se que o cuidado com os túmulos gera uma rede de sociabilidade, onde se cuida e se limpa a campa/jazigo do ente querido para que os vizinhos vejam que a família se importa com o falecido. Assim, tal como em uma pequena freguesia há os moradores que procuram saber notícias dos vizinhos e emitir opiniões, também nos cemitérios há os que gostam de vigiar os

cuidados com os túmulos, apontando campas e jazigos mal cuidados ou abandonados ou apreciando os que estão bem cuidados.

5.2. O cemitério como parte do circuito sagrado urbano

Os cemitérios podem ser considerados locais sagrados, seja pela sua relação com o espaço religioso, herança dos costumes dos enterramentos dos mortos em templos, seja por serem considerados locais heterogêneos em relação à homogeneidade espacial do mundo (Eliade, 1992) ou, ainda, pela distinção espaço-temporal cotidiana (Catroga, 1999). Além disto, são espaços que podem atribuir sacralidade a quem ali está enterrado. Destacam-se, para este exemplo, dois cemitérios situados na mesma união de freguesias: cemitérios de Nevogilde e de Foz do Douro.

O cemitério de Foz do Douro possui área relativamente pequena e pode ser apreendido em sua totalidade a partir de seu acesso principal, o qual se abre para um caminho que finda em uma capela central ladeada por duas laterais (Figura 3), todas pertencentes à Igreja Paroquial de São João Baptista da Foz do Douro, situada na mesma freguesia. Na capela central, consagrada, ocorrem missas em dia dos Fiéis Defuntos, ou então velórios, quando solicitados por famílias. A edificação à esquerda é utilizada para questões administrativas e também para venda de velas, além de objetos de cera com a função de ex-votos. Estes ex-votos, se relacionam com a capela que fica à direita: ali, repousa o abade José dos Santos Ferreira Moura, considerado santo pelos fiéis que o visitam.

Figura 3 | Capelas do cemitério Foz do Douro. Ao centro, capela principal; à esquerda: capela onde fica a administração e são vendidas velas; à direita: capela do abade José dos Santos Ferreira Moura.
Fonte: Santos, 2022

A história deste religioso remonta ao século XIX, pois era sacerdote na Igreja de São João Baptista da Foz do Douro até à data de seu falecimento, em 1887. Foi enterrado primeiramente em um jazigo do cemitério e, 37 anos depois, durante a execução de uma obra construtiva na qual seu corpo precisou ser levantado, observou-se que estava incorrupto. Este facto foi considerado miraculoso e, em 1929, o religioso foi transladado para a capela jazigo onde hoje se encontra, no qual re-

pousa em uma urna funerária com tampa de vidro (Figura 4). Ali, pessoas vão fazer seus pedidos ao santo padre e agradecer as graças alcançadas. Assim, ao redor da urna há prateleiras, onde são dispostos ex-votos, e armários onde devotos colocam fotos e placas de agradecimento. Também há um velário eletrônico à moda dos encontrados nas igrejas católicas em Portugal e na Europa.

Figura 4 | Duas vistas do interior da capela do abade José dos Santos Ferreira Moura. Ao centro, localiza-se a urna de vidro, onde dentro repousa o corpo do religioso. Em ambos os lados, armários com fotografias dos fiéis e placas de agradecimento. À esquerda, nota-se velário eletrônico
Fonte: Santos, 2022

A capela passa a maior parte do ano fechada, e é aberta somente nos dias dos Fiéis Defuntos e para a limpeza periódica realizada pela funcionária da igreja que auxilia na conservação do local. Porém, mesmo cerrada, sempre são encontrados no seu entorno flores e velas, que os devotos vêm trazer (Figura 5). Até mesmo nas grades de ferro da porta, são afixadas flores. Caso haja interesse do visitante, há um panfleto com a biografia do padre, editado em 1992, que pode ser solicitado à mesma funcionária (Figura 6).

Figura 5 | Portas de entrada da capela do abade José Moura. Na imagem à esquerda, notam-se flores dispostas à frente e afixadas por entre os gradis da porta principal. No detalhe à direita: velas dos fiéis na porta lateral
Fonte: Santos, 2022

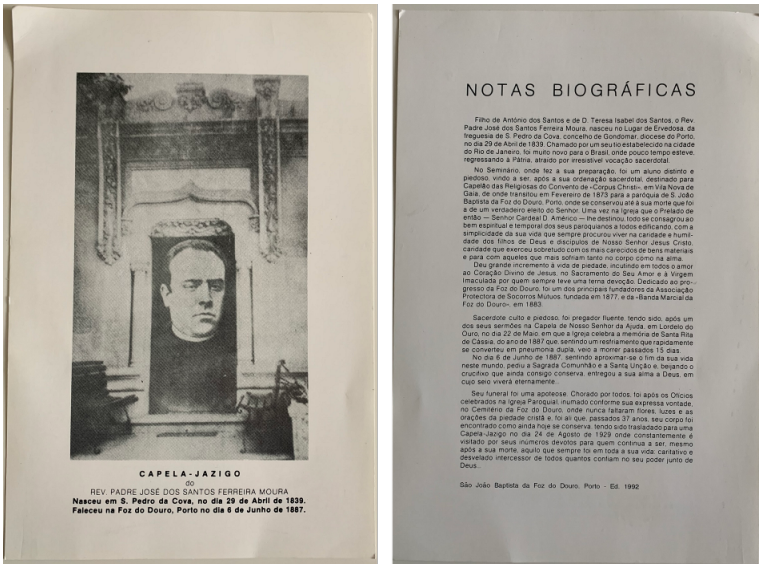


Figura 6 | Fotografia (frente e verso) do panfleto com notas biográficas do abade José Moura
Fonte: Santos, 2022

O primeiro jazigo onde o padre foi enterrado ainda se situa no cemitério e possui uma alta coluna, cujo cimo se quebrou (Figura 7). De acordo com a narrativa popular, contada pela própria funcionária da igreja São João Baptista da Foz do Douro, um dia tal coluna foi encontrada quebrada pela manhã e, por mais que se tentasse consertá-la, quebrava novamente, de modo que foi considerado como um desejo do padre que ela assim ficasse. Ali, pessoas ainda levam flores e velas, também.

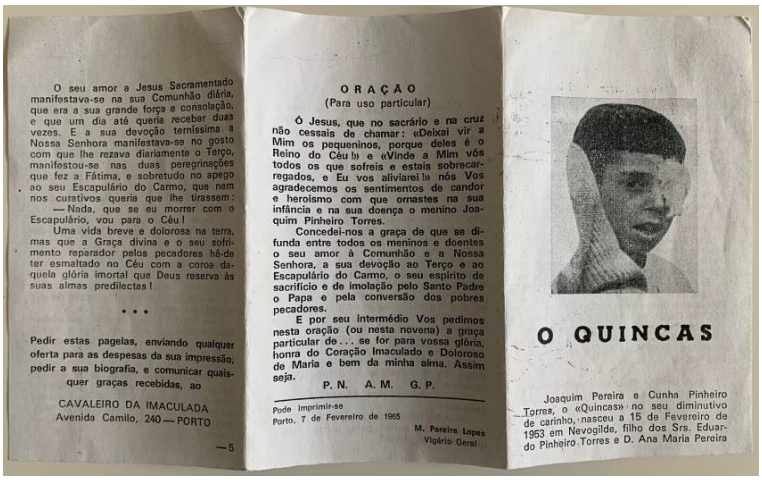
Figura 7 | Antigo jazigo do abade José Moura
Fonte: Santos, 2022

Alguns visitantes do cemitério da Foz do Douro relataram que o padre é reverenciado pelos moradores da freguesia, sobretudo os que congregam na igreja de São João Baptista da Foz do Douro. Assim, pode-se dizer que a capela cemiterial do eclesiástico é parte de um circuito religioso que se expande para outros locais no território urbano. Uma informante de 86 anos, por exemplo, disse que sua mãe conheceu o padre e que este era muito piedoso. Isto é corroborado pelo trabalho da pesquisadora Marisa Santos (2022) que aponta o quanto o padre fora venerado pela comunidade em vida e após a morte, ao longo de décadas. Assim, há também uma questão relativa ao afeto e convivência das pessoas que ali moram e frequentam a referida igreja.

Outro cemitério onde pode ser encontrada uma figura pela qual se atribuem milagres e desejos alcançados é o de Nevogilde. Menor que o da Foz do Douro, à primeira vista parece ser um cemitério sem particularidades. Contudo, é lá onde está enterrado o menino Quim ou Quincas. Trata-se de Joaquim Pereira e Cunha Pinheiro Torres, uma criança que foi acometida por cancro de vista aos 9 anos. Este menino recusou-se a ser tratado, sob alegação de que o Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu e morreu pelas pessoas e este seria também o seu destino. Após a sua morte, em 1962, começaram a atribuir-lhe milagres, de modo que pessoas vão ao seu jazigo fazer pedidos, oferecer velas, terços e brinquedos. Há ainda diversas placas de agradecimento por graças recebidas. No espaço tumular há ainda um pequeno arbusto, local para deposição das velas e caixa para recolha de esmolas (Figura 8). Todos os dias há, pelo menos, uma vela acesa que é garantida por uma moradora próxima que, quando impossibilitada de o fazer, solicita ao coveiro do local que o faça. A família não vê problemas nestes atos de fé.

Figura 8 | Campa do menino Quincas, no cemitério de Nevogilde. No detalhe, observam-se placas de agradecimento e brinquedos depositados junto ao local
Fonte: Santos, 2023

Segundo o coveiro de Nevogilde, a devoção ao local era maior há cerca de 20 anos, época em que começou a trabalhar nesse cemitério. Relata que pessoas de cidades tanto a norte, como da Póvoa de Varzim, quanto a sul, como da Figueira da Foz, vinham ao local fazer pedidos. Este trabalhador, por iniciativa própria, produz fotocópias de um folheto sobre a vida de Quincas, o qual foi elaborado e distribuído pela família na década de 1960 (Figura 9). Assim, quando observa interesse de algum visitante, entrega um exemplar.


O seu amor a Jesus Sacramentado manifestava-se na sua Comunhão diária, que era a sua grande força e consolação, e que um dia até queria receber duas vezes. E a sua devoção ternissima a Nossa Senhora manifestava-se no gosto com que lhe rezava diariamente o Terço, manifestou-se nas duas peregrinações que fez a Fátima, e sobretudo no apego ao seu Escapulário do Carmo, que nem nos curativos queria que lhe tirassem: — Nada, que se eu morrer com o Escapulário, vou para o Céu!

Uma vida breve e dolorosa na terra, mas que a Graça divina e o seu sofrimento reparador pelos pecadores há-de ter esmaltado no Céu com a coroa daquela glória imortal que Deus reserva às suas almas predilectas!

• • •

Pedir estas pagelas, enviando qualquer oferta para as despesas da sua impressão, pedir a sua biografia, e comunicar quaisquer graças recebidas, ao

CAVALEIRO DA IMACULADA
Avenida Camilo, 240 — PORTO

— 5

ORAÇÃO
(Para uso particular)

Ó Jesus, que no sacrário e na cruz não cessais de chamar: «Deixai vir a Mim os pequeninos, porque deles é o Reino do Céu» e «Vinde a Mim vós todos os que sofreis e estais sobrecarregados, e Eu vos aliviarei» nós Vos agradecemos os sentimentos de candor e heroísmo com que ornastes na sua infância e na sua doença o menino Joaquim Pinheiro Torres.

Concedei-nos a graça de que se difunda entre todos os meninos e doentes o seu amor à Comunhão e a Nossa Senhora, a sua devoção ao Terço e ao Escapulário do Carmo, o seu espírito de sacrifício e de imolação pelo Santo Padre o Papa e pela conversão dos pobres pecadores.

E por seu intermédio Vos pedimos nesta oração (ou nesta novena) a graça particular de... se for para vossa glória, honra do Coração Imaculado e Doloroso de Maria e bem da minha alma. Assim seja.

P. N. A. M. G. P.

Pode imprimir-se
Porto, 7 de Fevereiro de 1965
M. Pereira Lopes
Vigário Geral

O QUINCAS

Joaquim Pereira e Cunha Pinheiro Torres, o «Quincas» no seu diminutivo de carinho, nasceu a 15 de Fevereiro de 1953 em Nevogilde, filho dos Srs. Eduardo Pinheiro Torres e D. Ana Maria Pereira

Figura 9 | Fotografia da fotocópia do folheto sobre a vida de Quincas
Fonte: Santos, 2023

Por se tratarem de figuras com aura sagrada em uma mesma freguesia, estes personagens acabam por constituir até mesmo um circuito sagrado. Uma utente abordada no cemitério da Foz do Douro, por exemplo, relatou que, para alcançar uma graça, visitou e fez pedidos tanto para o menino Quim como para o padre, além de frequentar a Igreja de São João Baptista da Foz do Douro. Assim, padre e menino, elevados a milagreiros pelo solo cemiterial, dialogam e reforçam outros solos sagrados da cidade.

5.3. Biodiversidade e arquitectura paisagista

A depender da forma como são planeados, os cemitérios podem ser redutos de fauna e flora de uma cidade, o que possibilita, também, contribuições ambientais neste sentido. Ademais, estes são itens que podem influenciar na percepção dos visitantes e também torná-los locais mais agradáveis (Santos, 2015).

No tocante à vegetação, pode-se dizer que a relação entre os locais dedicados aos mortos e o elemento vegetal é algo que remonta a centenas, quiçá milhares de anos (Ragon, 1981). Assim, diversos espaços cemiteriais são ajardinados, sendo esta temática abordada pela arquitectura paisagista desde seus primórdios, de modo que até mesmo o emblemático arquiteto paisagista Frederick Law Olmsted planeou um cemitério (Sloane, 1981).

Existem espécies vegetais que são carregadas de símbolos e tradicionalmente utilizadas nos espaços cemiteriais (Ragon, 1981). Dentre elas, um dos mais populares é o cipreste (*Cupressus sempervirens*) (Figura 10), árvore ereta, de forma estável e de folhas perenes e que tem caráter simbólico ligado à imortalidade (Ragon, 1981). No Porto, essa espécie pode ser vista nos cemitérios de Prado do Repouso, Agramonte, Paranhos, Ramalde, Lordelo do Ouro e Aldoar.

No entanto, a vegetação implantada nos cemitérios nem sempre se liga diretamente com a questão simbólica fúnebre e pode se relacionar com questões urbanísticas mais amplas. Assim, notam-se em alguns cemitérios árvores já empregadas na arborização urbana ou, até mesmo o aproveitamento dos exemplares pré-existentes no terreno, caso do Prado do Repouso.

Dentre as árvores que podem ser vistas na arborização do Porto, algumas são remanescentes da tradição oitocentista dos jardins, período em que foram trazidas diversas novas espécies de outros lugares do mundo. Destas, também há exemplares nos espaços cemiteriais, sobretudo Agramonte

Figura 10 | Ciprestes em presentes nos cemitérios do Prado do Repouso, Agramonte, Paranhos, Ramalde, Lordelo do Ouro e Aldoar (respectivamente, da esquerda para direita, de cima para baixo).
Fonte: Santos, 2022

e Prado do Repouso que são os mais ajardinados. Dentre eles podem ser citados[14] as camélias (*Camelia japónica*), magnólias (*Magnolia obovata* e *Magnolia soulangenana* sobretudo), extremosa (*Lagerstroemia indica*), plátanos (*Platanus x acerifólia*) e tulipeiros (*Liriodendron tulipífera*).

Como primeiro exemplo, apresentam-se as camélias. Vistas tanto em Agramonte como no Prado do Repouso (Figura 11), em suas variedades, são presença constante nos espaços livres do Porto, sobretudo praças e jardins, como na rotunda da Boavista, Jardins do Palácio de Cristal, Parque São Roque e Jardim São Lázaro, que se localizam cada qual em áreas próximas a estas necrópoles.

Figura 11 | Exemplo de Camélias no cemitério do Agramonte (esquerda) e Prado do Repouso (direita)
Fonte: Santos, 2022

[14] Há muitas outras espécies que podem ser citadas, de maneira que para este artigo estabeleceu-se um recorte para exemplificação. Para tanto, analisou-se quais espécies arbóreas eram mais numerosas nos cemitérios do Agramonte e Prado do Repouso a partir do Inventário arbóreo do concelho do Porto, aliado à observação em campo. Os referidos cemitérios foram escolhidos como parâmetro por se tratarem dos maiores e mais vegetados da cidade.

Ainda nestes mesmos cemitérios notam-se muitas magnólias, que podem ser vistas já a partir da entrada principal do Agramonte, a compor a alameda que leva à sua capela principal. Já no final do inverno a anunciar a primavera que está próxima, carregada de flores brancas, esta espécie pode ser facilmente identificada e avistada por diversas regiões do Porto. A sua variedade rósea também é encontrada.

Figura 12 | Conjunto de Magnólias à entrada do cemitério do Agramonte
Fonte: Santos, 2023

A vegetação não aparece, entretanto, somente em sua forma natural. Alguns jazigos também revelam este interesse, com a presença de esculturas em cimento armado que remetem a troncos de árvores, à semelhança dos encontrados em jardins românticos datados do século XIX (Figura 13). Encontra-se ainda o cruzamento deste interesse com o tema fúnebre religioso, com esculturas simulando cruzes[15] feitas de troncos de árvores. Estas representações são encontradas em praticamente todas as necrópoles portuenses: Agramonte, Bonfim, Britânico, Campanhã, Lapa, Lordelo, Prado do Repouso, Ramalde. Dentre os diversos parques portuenses em que a representação escultórica vegetal aparece relacionada com este movimento romântico, citam-se, a título de exemplo, o Jardim da Arca d'Água e o Parque de São Roque.

Já as rosas, as quais possuem diversas variedades, foram as flores eleitas para simbolizar a área para disposição das cinzas nos cemitérios portuenses, cuja denominação é "roseiral"[16]. Assim, encontram-se roseirais com esta função em Prado do Repouso, Paranhos e Foz do Douro (Figura 14). A deposição de flores, sobretudo rosas, é comum em espaços cemiteriais (Thomas, 2010) e, segundo Ragon (1981), essas eram utilizadas para ornamentar túmulos desde a Antiguidade Romana. Entretanto, frisa-se que, para além da temática fúnebre, foram largamente apreciadas para jardins de maneira geral. No século XIX, Josephine Bonaparte, esposa de Napoleão Bonaparte, chegou a ter uma coleção com mais de 500 variedades (Taylor-Leduc, 2017); ainda neste século, também havia exposições dedicadas a esta flor, de modo que no Palácio de Cristal do Porto houve exposições neste sentido, por exemplo (Marques, 2009).

[15] Segundo Cymbalista (2002, p.87), a cruz é "um símbolo eficaz da sacralização cristã do espaço". Ainda segundo o autor, a cruz cravada no solo seria desde a Idade Média um indicativo de presença de mortos no local.

[16] O Código Regulamentar do Município do Porto (CMP, 2022) define roseiral como "espaço ajardinado, com roseiras, constituído por canteiros, para deposição de cinzas" (p. 323). Exceção se faz ao espaço para cinzas do cemitério Agramonte, que é nomeado de *Serenarium* e constitui-se por uma área relvada. Entretanto, encontram-se rosas também dispostas no local.

Figura 13 | Esculturas em cimento simulando cruzes e cercas feitas de troncos de árvores: cemitério Britânico, Lapa, Lordelo do Ouro, Ramalde e Agramonte (respectivamente da esquerda para direita, de cima para baixo).
Fonte: Santos, 2022

Figura 14 | Roseiral nos cemitérios de Paranhos, Foz do Douro e Prado do Repouso (respectivamente, da esquerda para direita, de cima para baixo)
Fonte: Santos, 2022

No tocante à fauna, parte integrante e ativa da cidade, esta também é encontrada nos cemitérios ponto para moradia e convivência. Destes, podem ser destacadas as aves. Diversos cemitérios pelo mundo são locais em que a prática de observação de aves pode ser realizada (Spirn, 1995). No Porto, elas podem ser observadas nos mais diferentes cemitérios, mesmo nos mais mineralizados. Além disto, ambiência calma e silenciosa das necrópoles permite não só que se observe, mas que se escute os cantos com melhor precisão.

Das espécies facilmente avistadas, destacam-se as gaivotas, aves que disputam os espaços públicos com os pombos e podem ser vistas em quantidade expressiva não só junto à ribeira e orla marinha, mas também em zonas afastadas junto a praças, parques e jardins do Porto. São observadas principalmente no cemitério do Agramonte, à semelhança do que ocorre na rotunda da Boa Vista, vizinha ao local. Andam próximo a espécies vegetais que produzem frutos, como algumas palmeiras, por exemplo. Curiosas, também circulam por entre os túmulos, investigando flores, ornamentos e velas (Figura 15).

Figura 15 | Gaivotas no cemitério Agramonte (acima) e no Prado do Repouso (abaixo).
Fonte: Santos, 2022 e 2023

5.4. Cemitério e paisagem

Os espaços cemiteriais podem dialogar com a malha urbana em que se inserem, seja a partir de elementos formais, usos do entorno ou mesmo pela toponímia. Os nomes dos cemitérios Agramonte e Prado do Repouso, como já apontado anteriormente, remetem às quintas anteriormente existentes que ocuparam. Já outros como a Lapa e Bonfim, designam as igrejas que os administram e estão avizinhados. Os das freguesias, identificam justamente o nome das freguesias em que se situam. O Britânico, explicita a quem se destinava de quando de sua implantação.

O diálogo com o tecido urbano também pode se dar pela própria relação entre seu interior e exterior, seja pelo seu fechamento ou então, pelo seu próprio arruamento. O acesso principal do Agramonte, por exemplo, abre-se para um caminho que leva à capela principal do cemitério, o qual alinha-se com o arruamento externo, o que dá a sensação de continuidade da rua da Meditação, que termina na rotunda da Boa Vista (Figura 16). Assim, a partir da capela cemiterial, tem-se como ponto focal a rotunda e vice-versa, em uma continuação visual entre o espaço cemiterial e seu entorno.

Figura 16 | Vista da capela cemiterial a partir da rotunda da Praça de Mouzinho de Albuquerque, mais conhecida como rotunda da Boa Vista
Fonte: Santos, 2023

Outra forma de relação com o urbano pode se dar pela abertura para vistas da cidade. Devido ao fato de terem que se situar em locais com boa ventilação por questões higiênicas, não é incomum encontrar cemitérios oitocentistas implantados em terrenos altos em relação ao restante do seu entorno. Tal configuração pode criar um caráter de mirante, a depender da forma como estão implantados e a forma como de desenvolveu o tecido urbano envolvente. Isto também permite uma vista diferenciada das suas cercanias, e pode permitir um diálogo entre o local de "moradia" dos mortos e dos vivos.

Os cemitérios da Lapa e do Bonfim (Figuras 17 e 18), por exemplo, localizam-se em cota de nível superior ao seu portão de acesso e ruas lindeiras, o que faz com que em algumas faces de seu fechamento não sejam visualmente acessíveis da calçada. Contudo, tal impressão muda quando se está dentro do cemitério. Ao se caminhar pelo cemitério da Lapa, dada a sua posição elevada e fechamento a partir de muretas, pode-se observar a movimentação da cidade, sua vida a acontecer. Os edifícios vizinhos aparecem como uma continuidade dos edifícios funerários. E, se de certas calçadas não se acessa o cemitério, das janelas superiores dos edifícios ele pode ser avistado.

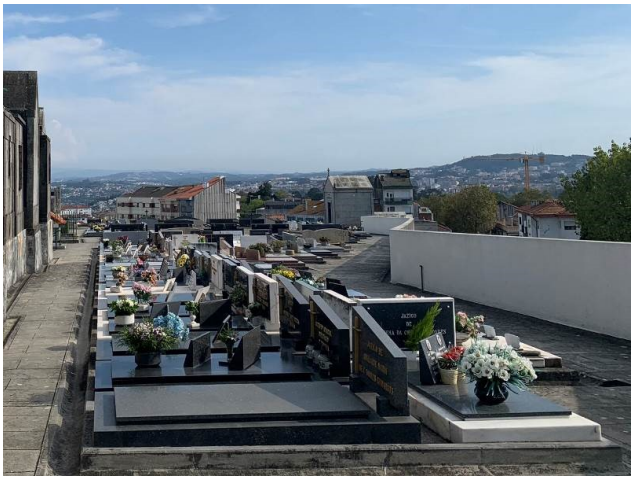


Figura 17 | Vista do Porto a partir do cemitério do Bonfim
Fonte: Santos, 2022

Figura 18 | Encontro entre a cidade dos vivos e dos mortos. Vista a partir do cemitério da Lapa
Fonte: Santos, 2022

O cemitério do Prado do Repouso, apesar de não se situar em cota mais alta que suas ruas lindeiras, devido à sua posição topográfica possui locais que proporcionam vistas da cidade. O seu acesso a norte inicia um caminho que, ao atravessar o cemitério, leva até à extremidade sul que se abre para um panorama do rio Douro e pontes que partem do Porto (Figura 19). Assim, pode-se dizer que este trajeto, quase processional, adentra-se no cemitério e direciona-se para a paisagem portuense. Além disto, percorrendo-se todo o fechamento sul do cemitério, há um conjunto de ossários que são interrompidos por aberturas que abrem para vistas do rio Douro. Na paisagem, a cidade dos mortos e dos vivos se cruzam.

Figura 19 | Vista da ponte do Freixo, do rio Douro, do Porto e de parte de Gaia a partir do cemitério Prado do Repouso
Fonte: Santos, 2023

Já no cemitério de Campanhã, em seu setor com cota de nível mais alta, avista-se todo o cemitério e também a região em que está implantado, de modo que o observador se depara com o arborizado Parque Oriental. O caráter de miradouro é reforçado por um conjunto de estruturas em betão, compostos por bancos com cobertura (Figura 20). Do mesmo patamar, observando-se de ou-

tro ponto há uma sucessão de ossários instalados à moda de uma sequência de edifícios habitacionais e, ao observá-los em conjunto com os prédios de moradia do entorno, pode-se até mesmo traçar uma relação entre a casa dos vivos e dos mortos. Mais uma vez, as cidades se encontram.

Figura 20 | Duas vistas do cemitério do Campanhã: à esquerda, área de mirante com vista para o Parque Oriental; à direita, sequência de ossários ao fundo e vista para edifícios habitacionais vizinhos
Fonte: Santos, 2022

6. Considerações Finais

Os cemitérios do Porto apresentam dimensões, situações topográficas e territoriais distintas, embora possuam características semelhantes do ponto de vista da sua organização espacial, de traçado geométrico. As grandes modificações verificam-se, fundamentalmente, ao nível do entorno. Prado do Repouso e Agramonte, quando implantados em Oitocentos, situavam-se fora da aglomeração urbana, tendo sido progressivamente abraçados pela cidade e, hoje, no século XXI, estão cercados por avenidas, edifícios de habitações, comércio e serviços. Assim também acontece com os cemitérios das freguesias que, segundo Queiroz (2002) em um primeiro momento possuíam características periféricas rurais e hoje são urbanizadas.

Neste passar do tempo, as modificações urbanas acompanham mudanças nos costumes, que os cemitérios passaram a incorporar. São espaços que encerram uma complexidade de símbolos e apreensões. Ao visitá-los e estudá-los, observa-se que contêm uma multiplicidade de usos, desde o seu objetivo primordial, ligado à funcionalidade para disposição dos mortos e perpetuação da sua memória, até espaços de lazer, fruição e aprendizado. Assim, apresentam potencial turístico, constituindo até mesmo um ramo específico do turismo.

São locais que permitem olhar a cidade a partir de um diferente ângulo: espaços que apresentam uma pausa da azáfama de pessoas e viaturas do cotidiano urbano, mas que ao mesmo tempo não estão isolados, articulam-se com o lugar onde estão implantados. Os aspetos destacados a partir das caminhadas exploratórias pelos cemitérios do Porto permitiram perceber características que remetem e dialogam com a própria cidade. Não só os cemitérios mais divulgados para a atividade turística como Agramonte, Prado do Repouso e Lapa, mas também os menores ou menos divulgados apresentaram elementos que permitiram diferentes leituras da cidade: seja no diálogo com a paisagem a partir de suas vistas, relações topográficas, toponímia e história do lugar; nos costumes, em que mostram as formas de sociabilidade de uma sociedade; ambiental, em que podem ser observadas nas fauna e flora presentes; como lugares possuidores de elementos que dialogam com a história da arquitectura paisagista; ou então nas narrativas

ligadas a religiosidade popular, principalmente nos atos de fé que estabeleceram personagens como realizadores de milagres, mesmo não sendo santos oficializados pela Igreja Católica. Assim, mostra-se o potencial como polos de atração turística, por serem lugares que promovem diferentes formas de olhar para a cidade a partir de seus espaços, que de modos diversos dialogam com a malha urbana.

Agradecimentos

À CAPES Brasil pela bolsa concedida à pesquisadora Aline Silva Santos para estágio realizado na cidade do Porto junto à Universidade do Porto.

Referências

Aguiar, C. A. de (1927). O Cemitério da Lapa. *O Tripeiro, 2*(37), 202.

Abranja, N. A., Alcântara, A. A., Marques, A. P., & Ferreira, R. V. (2012). Conhecimento e práticas do Turismo Cemiterial: um mercado emergente no setor. *Revista Turismo & Desenvolvimento, 3*(17/18), 1285-1297. https://doi.org/10.34624/rtd.v3i17/18.13169

Almeida, M. das G. de. (2007). *Morte, Cultura, memória – multiplas interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Almeida, M. das G. de. (2016). A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos e o Morrer, 1*(1), 213–230. https://doi.org/10.9789/2525-3050.2016.v1i1.213-230

Ariès, P. (1977). *História da morte no Ocidente*: Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Câmara Municipal do Porto - CMP (2021). *Código Regulamentar do Município do Porto*. Acedido em 24 de fevereiro de 2023, em `https://crmp.cm-porto.pt/apex/CRMP.crm_utils_pkg.download_file?p_file=71047`

Bauman, Z. (1999). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Borges, M. E. (2016). O cemitério como museu a céu aberto. In *Anais do VII Congresso Internacional Imagens da morte: Tempos e espaços da morte na sociedade* (p. 20-35), São Paulo, Brasil. Recurso digital.

Catroga, F. (1999). *O céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal* (1756-1911). Coimbra: Livraria Minerva Editora.

Coutinho, B., & Baptista, M. M. (2014). Há morte nas catacumbas? Perceções de visitantes de uma atração de turismo negro. *Revista Turismo & Desenvolvimento, 4*(21/22), 493-503. https://doi.org/10.34624/rtd.v4i21/22.12441

Cymbalista, R. (2002). *Cidade dos vivos: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume: Fapesp.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

Figueiredo, O. (2015). Turismo e lazer em cemitérios: Algumas considerações. *CULTUR: Revista de Cultura e Turismo, 9*(1), 125–142.

Geertz, C. (2008). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT.

Grassi, C. (2018). Ressignificando o espaço urbano: Educação patrimonial no cemitério municipal São Francisco de Paula. *Paisagens Híbridas, 1*(1), 90-113.

Körössy, N., (2008). Do "turismo predatório"ao "turismo sustentável": uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. *Caderno Virtual de Turismo, 8*(2), 56-68.

Magnani, J. G. C. (1996). Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, J. G. C. & Torres, L. L. (orgs.). *Na metrópole: Textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP.

Magnani, J. G. C., et al. (2023). *Etnografias urbanas: Quando o campo é a cidade*. Petrópolis: Vozes.

Mairie Paris (2022). *Il était une fois le 20e... Le cimetière du Père Lachaise*. Acedido em 24 de fevereiro de 2023, em `https://mairie20.paris.fr/pages/le-cimetiere-du-pere-lachaise-21710`

Marques, J. A. M. (2018). Turismo cemiterial - o «porquê» e o «onde». *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (29), 47-63. https://doi.org/10.34624/rtd.v0i29.889

Marques, T. D. P. (2009) *Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal*. (Tese de Doutoramento). Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Martins, C., & Cadima Ribeiro, J. (2021). Fatores de atração do turismo no Norte de Portugal: uma abordagem exploratória. *Revista Turismo & Desenvolvimento, 35*, 53-75. https://doi.org/10.34624/rtd.v0i35.24619

Motta, A. (2009). *À flor da pedra: Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana.

Neves, P. A. (2022a). *Histórias da cidade: Cemitérios, verdadeiros museus a céu aberto*. Notícia, Site Porto. Acedido em 24 de fevereiro de 2023, em https://www.porto.pt/pt/noticia/historias-da-cidade-cemiterios-verdadeiros\-museus-a-ceu-aberto

Neves, P. A. (2022b). *Porto na corrida a Capital Europeia de Turismo Inteligente 2023*. Turismo, Site Porto. Acedido em 24 de fevereiro de 2023, em https://www.porto.pt/pt/noticia/porto-na-corrida-a-capital-europeia-de-turismo\-inteligente-2023

Oliveira, M. M. L. P. de O. (2007). *In memoriam, na cidade*. (Tese de Doutorado). Departamento Autónomo de Arquitetura da Universidade do Minho, Guimarães, Portugal.

Osman, S. A., & Ribeiro, O. C. F. (2007). Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 10*(1). https://doi.org/10.35699/1981-3171.2007.946

Pegas, A. P. M. C. (2013). *O visível que não se vê e o património cemiterial: Proposta de criação de uma rota turística dos cemitérios do Porto*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Pires, R. P., Vidigal, I., Pereira, C., Azevedo, J. & Veiga, C. M. (2022). *Emigração Portuguesa 2022: Relatório Estatístico*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-Iscte.

Porto (2020). *Avaliação Ambiental Estratégica da Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto. Relatório Ambiental*. Câmara Municipal do Porto. Plano Diretor Municipal da Cidade de Porto. Versão consulta pública. Acedido em 24 de fevereiro de 2023, em https://pdm.cm-porto.pt/documents/18/Anexo10_RelAamb_RA-RNT.pdf

Queiroz, J. F. F. (2000). *O Cemitério da Lapa*. Porto: Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

Queiroz, J. F. F. (2002). *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória* – vol. 1, tomo 1º. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Queiroz, F. (2006). O Cemitério Britânico do Porto: elementos históricos e artísticos para um estudo monográfico. *Associação Cultural Amigos do Porto, Porto, 3*(24), 119-157.

Queiroz, F. (2007). Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. *Anuário 21 Gramas*, 1, 7-12.

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Ragon, M. (1981). *L'espace de la mort*. Paris: Albin Michel.

Rezende, E. C. M. (2000). *Metrópole da morte necrópole da vida: Um estudo geográfico do Cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago Editorial.

Santos, A. S. (2013). Espaços cemiteriais e suas contribuições para a paisagem e meio ambiente urbanos. *Revista LABVERDE*, (6), 85-105. https://doi.org/10.11606/issn.2179-2275.v0i6p85-105

Santos, A. S. (2015). *Morte e paisagem: Os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI:10.11606/D.16.2015.tde-08092015-143806.

Santos, M. P. F. dos (2022). *Silêncio... A Foz vai doirando lentamente... Território, Devoção e Práticas Culturais da Foz do Douro*. (Tese de Doutorado) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Simões, S. (2016). *Guardar, transformar numa árvore ou, até, numa jóia. O que fazer às cinzas depois da cremação?* Observador. Acedido em 17 de agosto de 2023, em https://observador.pt/2016/10/30/guardar-transformar-numa-arvore-ou-ate-numa\-joia-o-que-fazer-as-cinzas-depois-da-cremacao/

Sloane, D. C. (1981). *The last great necessity – Cemeteries in American history*. Maryland: The Johns Hopkins University.

Spirn, A. (1995) *O jardim de granito: Natureza no desenho da cidade*. São Paulo: EDUSP.

Stone, P. (2006). A Dark Tourism Spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Tourism: An Interdisciplinary International Journal, 54*(2), 145-160.

Taylor-Leduc, S. (2017). Josephine and the Birth of the Imperial Picturesque. *SiteLINES: A Journal of Place*, *12*(2), 15–18.

Thomas, K. (2010). *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vovelle, M. (1983). *La Mort en Occident de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.

Water, T. (2012). Why different countries manage death differently: a comparative analysis of modern urban societies. *The British Journal of Sociology*, *63*(1), 123-145.